

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE – UNI RN
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

KARINA PEREZ DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM ANÁLISE TRANSACIONAL:
TRABALHANDO A ANSIEDADE.**

**NATAL
2017**

KARINA PEREZ DA SILVA

**DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM ANÁLISE TRANSACIONAL:
TRABALHANDO A ANSIEDADE.**

Estudo de caso apresentado como
requisito avaliativo parcial da
disciplina de Estágio
Profissionalizante em Psicologia do
Curso de Psicologia da UNI -RN

Supervisor: Prof^a Geórgia
Filomena Martins Saldanha Baeta
Neves

CRP:17/1254.

Natal

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, que sem ela de nada eu seria capaz.

Agradeço à minha mãe e meu irmão, por todo suporte, em especial a minha mãe, guerreira, que sempre esteve comigo, dando todo o apoio necessário durante esses cinco anos de jornada.

Agradeço também a orientadora Geórgia, por todo o valioso ensinamento que me foi essencial para a realização desse trabalho.

À todos os meus amigos da vida e do curso, em especial à Marlene França, Brenda Câmara, Lizandra Alencar, Micarla Rocha, Edgley Campos, Alexandre Macena e Felipe Munay que contribuíram direta e indiretamente para a profissional que pretendo ser.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. ANÁLISE TRANSACIONAL	7
2.1 ANÁLISES ESTRUTURAL	8
3. ESTADOS DE EGO	9
3.1 ESTRUTURAS MAIS REFINADAS DE PERSONALIDADE	10
4. ANÁLISE DE TRANSAÇÕES.....	12
4.1. TRANSAÇÕES COMPLEMENTARES.....	12
4.2. TRANSAÇÕES CRUZADAS.....	13
4.3 TRANSAÇÕES ULTERIORES.....	14
5. POSIÇÃO EXISTENCIAL.....	15

6. JOGOS PSICOLÓGICOS	16
7. ANÁLISE DO “SCRIPT”	17
8. LUDOTERAPIA	18
9. PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	20
9.1. ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	21
9.2. ATIVIDADES PROPOSTAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	22
10. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
10.1. ENTREVISTA DESENVOLVIMENTAL – FASE INICIAL.....	23
10.2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO-O PAPEL DA PSICOLOGIA..	24
11. APLICAÇÃO DA ENTREVISTA DESENVOLVIMENTAL (RESULTADOS).....	26
11.1. PERÍODO PRÉ-NATAL	27
11.2. ALIMENTAÇÃO	28
11.3.SONO	28
11.4. MANIPULAÇÃO E HÁBITOS.....	28
11.5.HISTÓRIA CLÍNICA.....	29
11.6.DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR.....	29
11.7.SEXUALIDADE.....	29
11.8.VIDA SOCIAL E LAZER	29
11.9.RELACIONAMENTO FAMILIAR.....	30
11.10.DISCIPLINA.....	30
11.11.HISTÓRICO ESCOLAR.....	30
12. HORA DO JOGO	31
12.1 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES - FASE INTERMEDIÁRIA....	33
12.2. DEVOLUTIVA COM OS PAIS	35

12.3. VISITA A ESCOLA.....	36
12.4. DISCUSSÕES E RELAÇÃO COM A TEORIA – FASE FINAL	38
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
14. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

RESUMO

O referido trabalho tem a intenção de abranger, de maneira simples e concisa o desenvolvimento prático de uma atuação em psicologia clínica, embasado a teoria de Eric Berne, a Análise Transacional, fazendo um resgate teórico da sua origem, mostrando toda sua dinâmica e concepção terapêutica. Fazendo entender como essa abordagem trabalha as relações, possibilitando mostrar como a AT é pratica, útil e de fácil entendimento. Bem como, sucessivamente é apresentado as intervenções realizadas nos atendimentos de uma criança de oito anos de idade, aplicadas no estágio supervisionado nas

Clínicas Integradas do Centro Universitário do RN.

Palavras-chave: Análise Transacional; Eric Berne;

1. INTRODUÇÃO

Neste relatório abordaremos o surgimento de uma vertente teórica que surgiu no final da década de 50, que assim como muitas outras abordagens, prosseguiram da psicanálise e vem se desenvolvendo até hoje, pode-se dizer que, resumidamente o objetivo da AT é baseada em “eu estou OK, você está OK”. A abordagem utiliza de um modelo prático e útil, fazendo o uso de diagramas de fácil entendimento.

Além disso, este relatório apresenta o estudo de um caso atendido na Clínica-Escola da instituição Centro Universitário do Rio Grande do Norte, onde foi realizada a discussão teórica do que ocorreu no processo terapêutico.

O relato em questão diz respeito ao caso de um paciente que frequentou até o momento vinte sessões, com duração de 50 minutos, durante o ano de 2017, sendo realizadas uma vez por semana. Os atendimentos foram realizados de acordo com a prática da abordagem em questão e todas as sessões foram orientadas e supervisionadas pela psicóloga Geórgia Filomena Martins Saldanha Baeta Neves, responsável pelo estágio.

O relatório se desenvolve, a princípio por uma breve fundamentação teórica sobre a Análise Transacional, direcionada sobretudo ao desencadear das sessões do processo terapêutico efetuando ligações com a teoria e discussão do caso.

O caso clínico atendido é de uma criança de 8 anos de idade, que será chamada daqui em diante de Matheus, nome fictício. A criança veio a terapia com a queixa de ansiedade e alguns episódios de terror noturno. Seu comportamento é bastante passivo e sempre se mostrou um garoto muito metódico e dependente, pedindo ajuda de adultos para realizar atividades diárias simples, nas quais ele mesmo conseguiria executar sozinho, sem necessidade de ajuda.

Com base nessas informações, deu-se início o processo terapêutico no dia 12 de Abril de 2017 e continua em decurso até o momento da realização deste relatório.

2. ANÁLISE TRANSACIONAL

A Análise Transacional é uma abordagem terapêutica, tanto individual como social, desenvolvida no final da década de 50 por Eric Berne e por ser uma teoria considerada nova aqui no Brasil é importante ressaltar quem foi seu criador e quais aspectos foram relevantes para criação da sua abordagem.

Vindo de uma família de origem Judaica, Eric Berne nasceu em Montreal, Quebec, Canadá em maio de 1910. Era muito ligado ao seu pai que veio a falecer quando Eric tinha apenas 10 anos de idade, vítima de tuberculose. Anos mais tarde, Berne veio a seguir os passos de seu pai, formando-se em Medicina na Universidade de McHill, fazendo sua residência

em psiquiatria na Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina de Yale.

Sua relação com a psicanálise começou em 1940, quando ingressou no Instituto Psicanalítico de Nova York, onde iniciou seu treinamento e sua análise com o analista Paul Federn, que o influenciou, não apenas na vida sua vida pessoal, como também na inspiração para a criação da Análise Transacional.

Nos anos de 1949, Berne começou a escrever uma série de artigos inspirado em entreluzir uma nova interpretação psicanalítica. Berne, de acordo com Oliveira (1980) afirmou que:

Psicanalistas em número surpreendente notaram fenômenos estruturais, vale dizer, mudanças de estados do ego; ou então foram informados por seus pacientes sobre o que é aqui chamado o Adulto e a Criança. A surpresa reside no fato de que nenhum deles, exceto Federn e seus discípulos, dedicou qualquer consideração séria ao assunto. Federn foi o primeiro psicanalista, creio, a (...) fazer um estudo específico de diálogos internos. (p.35).

Berne também foi grandemente influenciado pelos estudos do Neurocirurgião Wilder Penfield da Universidade de McGill, que em 1951 efetuava estudos sobre os focos epilépticos nos cérebros de seus pacientes, a fim de localizá-los e então tratá-los. Seu método consistia em estimular o córtex cerebral através de uma minúscula sonda provida de um microelétrodo. E notou que ao estimular determinada área do cérebro, os pacientes respondiam com estímulos verbais involuntários, e que também recordavam-se nitidamente de determinados acontecimentos em sua vida emitindo comportamentos verbais ou emocionais.

Em 1956, Berne postulou seu reconhecimento como psicanalista, no entanto, seu pedido lhe foi negado, e apesar de nunca haver falado publicamente sobre sua recusa, decidiu criar uma variação da psicanálise sem necessidade de aprovação de psicanalistas ortodoxos. (OLIVEIRA, 1980).

Surge então o que chamamos de Análise Transacional, e com grande difusão de sua teoria, Berne e os seus seguidores criaram em Janeiro de 1962, o Transactional Analysis Bulletin, para noticiar os resultados dos seus

debates. E então, em 1964, fundou-se a Internacional Transactional Analysis Association. (COBRA, 1998).

A genialidade de Eric Berne nos arrendou quatro paradigmas básicos: Análise Estrutural e funcional, Análise das Transações, Análise dos Jogos Psicológicos e Análise do Script de vida. Assim, de acordo com Crema (1985):

A análise estrutural-funcional é a proposta de um modelo demonstrável de personalidade; a análise das transações refere-se a um modelo de comunicação, da relação social; a análise dos jogos diz respeito aos padrões comunicacionais enfermos e com motivação oculta. Estes três instrumentos destinam-se ao objetivo básico e inicial de se obter o *controle social da conduta* (“Cura-te primeiro”). A análise do *script* aprofunda-se nos planos e dramas de vida não-conscientes que são representados compulsivamente – que a linguagem popular denomina “destinos” – objetivando a meta última da AT: o atingimento da *autonomia* (“Analisa-te depois”). (CREMA, 1985. p.122).

2.1 ANÁLISES ESTRUTURAL

A análise estrutural, ocupa-se da identificação e da análise dos estados de ego. A meta desse procedimento é estabelecer a predominância dos estados de ego que avaliam a realidade. Essa análise precede a Análise Transacional. (BERNE, 1985, p.22).

O objetivo de uma análise estrutural seria o domínio de conflitos internos através do diagnóstico dos estados de ego, descontaminação, trabalho de fronteiras e estabilização do modo que o Adulto possa manter o controle da personalidade em situações de tensão (BERNE, 1985, p.86).

No decorrer de uma sessão terapêutica, através da análise estrutural podemos identificar e analisar em qual estado de ego encontra-se o paciente e com base nisso, buscar normalizar a fim de atingir o estado adulto. Tendo isso em vista, de acordo com Berne (1985):

Um dos aspectos mais difíceis da análise estrutural, na prática, é fazer o cliente (ou estudioso) ver que Criança, Adulto e Pai não são ideias de fácil manejo ou neologismos interessantes, mas se referem a fenômenos

baseados em realidades concretas. (BERNE, 1985, p.31).

3. ESTADOS DE EGO

Eric Berne, em sua teoria oferece-nos uma estimulante visão em que somos formados por três Estados de Ego e que a dinâmica dos estados de ego forma nossa personalidade, como um conjunto que determina nossos pensamentos, sentimentos e conduta. O termo “estado de ego” pretende tão somente designar os estados da mente e seus padrões afins de comportamento tal como o uso desses ocorrem na natureza (BERNE, 1985).

A estrutura da personalidade para a Análise Transacional, pode-se dizer que, resumidamente está subdivida em três órgãos: a exteropsique, a neopsique e a arqueopsique. E que se manifestam fenomenologicamente e operacionalmente em três tipos de Estados de Ego: Pai, Adulto e Criança (BERNE, 1985).

A forma como cada pessoa irá reagir, vai depender de qual estado de ego está no comando. De acordo com Berne (1985)

A aplicação das análises estrutural e transacional exige um vocabulário esotérico de apenas seis palavras. Exteropsique, neopsique e arqueopsique são vistos como órgãos psíquicos que se manifestam fenomenologicamente como estados de ego exteropsíquico (identificativo), neopsíquico (de processamento de dados) e arqueopsíquico (ex. regressivo) (BERNE, 1985, p.23).

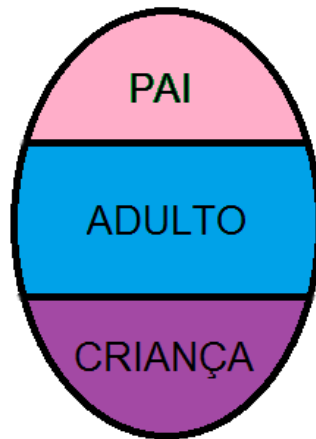


FIGURA 01 – esquema da personalidade (Fonte: adaptada)

A criança seria o estado de ego que traz o prazer através das ações, imagine ver um velho de 90 anos fazendo birra. Esta seria a representação de um idoso no estado de ego criança. O pai traz uma posição de analisar as decisões, impor, proteger, brigar por algo. Encontra-se numa postura decisiva e autoritária. O adulto seria o que Berne chama de estado “OK”, onde ele repensa e procede informações externas e internas e possui poderio para tomar decisões competentes e importantes.

3.1. ESTRUTURAS MAIS REFINADAS DA PERSONALIDADE

Numa análise mais aprofundada, Berne realizou uma subdivisão, que pode ser observado na figura 5, dos estados de ego. Para o estado de ego Criança temos:

- Criança da Criança (C1): Pode-se dizer que é caracterizada pela parte criativa, o pensamento não lógico, capta totalidades e percebe diferenças sutis;
- Adulto da Criança: Tem a impressionante capacidade de percepção. Possui raciocínio indutivo e criativo;
- Pai da Criança: Personalidade de “mandão”

Para o Estado de Ego Adulto:

- Pai do adulto (Ethos) estaria ligado a responsabilidade ética
- Adulto do Adulto (thechnos) que seria lógico, tranquilo, sem emoções. Personalidade que se baseia em fatos da realidade.
- Criança do Adulto (Pathos), personalidade de encanto e atrativos.

E enfim, para o Estado de Ego pai:

- O Pai do Pai que é movido pelas tradições, credos, moral e autoridade;
- O Adulto do Pai aquele que capta mensagens racionais que incorpora de outras pessoas;
- A Criança do Pai que incorpora a criança que nossas gerações passadas trouxeram para a nossa primeira infância. Envolve suas alegrias, medos, comportamentos irracionais, etc.

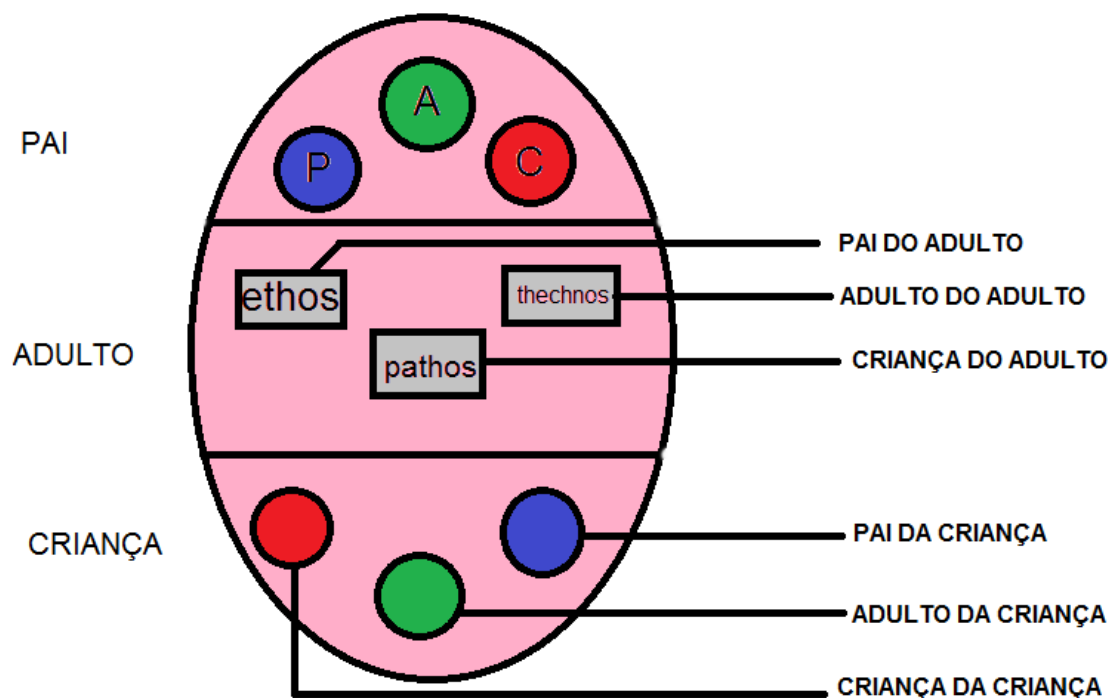


FIGURA 2 – Estruturas mais refinadas de personalidade (adaptado).

4. ANÁLISE DAS TRANSAÇÕES

Pode-se dizer que as transações, para a Análise Transacional são como trocas de estímulos e respostas. É como se Eric Berne, ao elaborar sua teoria, tivesse o intuito de diagramar as interações entre os estados de ego.

No enfoque da AT, a transação é definida como um estímulo e uma resposta intercambiadas pelos estados de ego, ou seja, qualquer ação e reação correspondente entre os seres humanos, representando a unidade básica da comunicação (CREMA, 1985, p.165)

As transações estão divididas em:

- Complementares (Paralelas)
- Cruzadas
- Ulteriores Angulares (dois estímulos e uma resposta)
- Ulteriores Duplex (dois estímulos e duas respostas)

4.1. TRANSAÇÕES COMPLEMENTARES

As transações complementares, de acordo com Crema, ocorrem quando a resposta é apropriada e esperada por quem emitiu o estímulo, partindo do estado do ego que foi estimulado (CREMA, 1985, p.166)

De acordo com Crema:

Na transação complementar os vetores dos estímulos e da resposta são paralelos, envolvendo apenas um estado de ego de cada pessoa, sendo que a resposta parte do mesmo estado de ego estimulado e se dirige ao mesmo estado de ego que enviou o estímulo. (CREMA, 1985, p.166)

Num exemplo real, de acordo com Berne, a Transação Complementar pode perdurar indefinidamente. Este tipo de transação é indispensável para a manutenção de relacionamentos estáveis, tendo em vista que o indivíduo recebe a resposta esperada, podendo dar continuidade a uma conversa

integralizada.

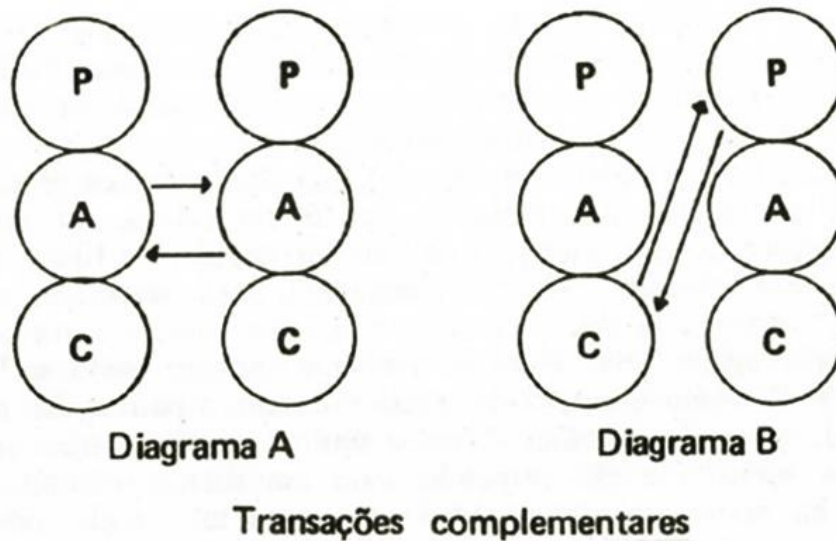


FIGURA 2 – Fonte: Roberto Crema (1985, p.166)

4.2. TRANSAÇÃO CRUZADA

A Transação Cruzada é, basicamente, quando você manda um estímulo (pergunta) e recebe uma resposta inesperada. “A transação cruzada ocorre quando a pessoa não procede o estado do ego que foi estimulado, sendo inesperada e, geralmente, frustrante. Neste caso, os vetores, ou as linhas de comunicação não são paralelas e não complementam a expectativa de quem enviou o estímulo” (BERNE, 1985, p.167).

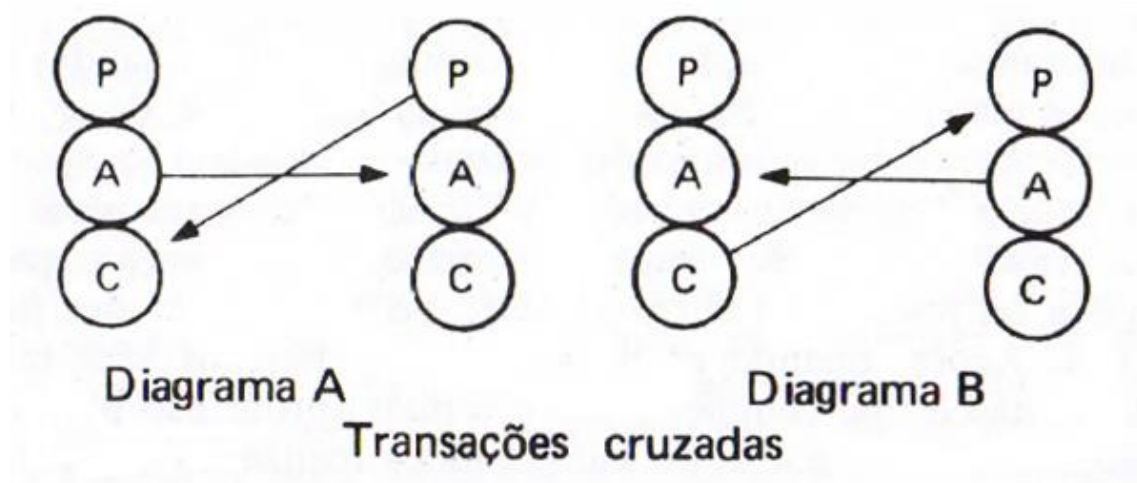


FIGURA 3 – Fonte: Roberto Crema (1985, p.167).

4.3. TRANSAÇÃO ULTERIOR

As transações ulteriores tendem a ser mais complexas, pois envolvem dois níveis diferentes de mensagem. Crema (1984, p. 167) “O social, que se refere ao explícito, aberto, geralmente verbalizado, que é representado pelos vetores contínuos; e o psicológico, implícito, secreto, oculto, “debaixo do pano”, geralmente não verbal, que é representado pelos vetores pontilhados”

Basicamente, o que Berne quis demonstrar na Transação Ulterior foi que o indivíduo fala, nem sempre é o que ele está pensando. Por exemplo: um indivíduo pode chegar ao outro e falar: “gosto muito de você, de verdade!” mas, dizer isso com uma cara de desprezo ou se afastando da pessoa na qual está mandando o estímulo.

A transação ulterior pode ser classificada também como Transação Ulterior Angular que, de acordo com Crema (1984, p. 168), “pode ser angular quando apenas uma pessoa se utiliza do nível psicológico, envolvendo apenas três estados de ego”.

Além disso, a transação ulterior pode ser dupla (duplex), assim, concorda-se com Crema, “a dupla (duplex), quando dois comunicantes participam a nível psicológico da transação, sendo envolvidos, no mínimo, quatro estados de ego”.

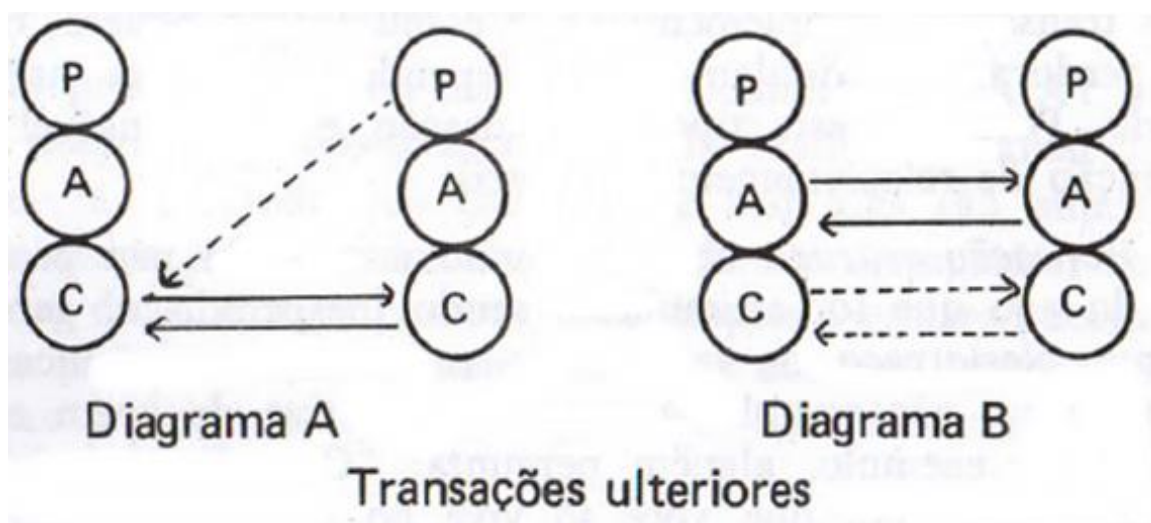


FIGURA 4- Fonte: Roberto Crema (1985, p.168)

5. POSIÇÃO EXISTENCIAL

Posição existencial pode ser definido como a forma que nós percebemos a nós mesmo em relação a outras pessoas. Nós assumimos uma posição existencial e decidimos se queremos estar “bem” ou “mal”. Essas posições são chamadas de Atitudes e são representadas por: Realista, Depressiva, Paranoide, Maníaca e Niilista.

ATITUDE	COMO ME VEJO	COMO VEJO O OUTRO	ESTADO DE EGO
Realista	+ -	+ -	Adulto
Depressiva	-	+	Criança submissa não OK
Paranoide	+	-	Pai crítico -, ou pai crítico salvando a criança rebelde -.

Maníaca	+	+	Criança livre -, Pai nutritivo
Niilista	-	-	Criança Adaptada

TABELA 1- Posições existenciais (adaptada)

A posição Realista refere-se ao indivíduo que percebe o lado positivo e negativo dele e dos demais. É uma atitude, em geral, adotada pelo estado de ego Adulto. Essa posição representa “Eu estou bem (+), você está bem (+), mas todos temos nossos momentos ruins (-). É a posição literalmente realista, podendo adequar aspectos positivos e negativos.

A posição Depressiva o indivíduo enxerga seu lado negativo, não vendo nenhum lado positivo de si mesmo, no entanto, valoriza o lado positivo dos outros, não levando em consideração seu lado negativo. É dominado pela Criança Submissa. Representa-se por “eu estou mal (-), você está bem (+).

A posição Paranóide refere-se a “Eu estou bem (+), você está mal (-)”. É uma posição de rancor, ou de razão, sem corresponder a realidade. É o típico indivíduo que não confia nas pessoas, e tem atitudes vingativas.

Na Maníaca prevalece a posição positiva, tanto de si mesmo, como dos outros. “Eu estou bem (+), você está bem (+). Essa posição é otimista e tudo está sempre bem.

Na Niilista é destacado o pior dos dois lados. “Eu estou péssimo, os outros também”.

6. JOGOS PSICOLÓGICOS

Eric Berne definiu os Jogos Psicológicos como uma série de transações complementares que se desenrolam até um desfecho definido e previsível. Pode-se dizer que são um conjunto repetido de transações com uma motivação oculta. Possuem natureza inconfessada e um desfecho. O jogo é basicamente desonesto e o seu desfecho tem um caráter de dramaticidade. Berne (1964, p.50) afirmou que “O emprego da palavra “jogo” não deve conduzir a engano

(...) um jogo não implica necessariamente em alegria e distração”

Em seu livro “Jogos da vida”, o criador da AT descreveu um esquema considerado o mais útil para análise teórica dos jogos, segundo ele:

O primeiro requisito é reconhecer que uma certa sequência de manobras se enquadra nos critérios de um jogo. O maior número possível de amostras é então colecionado, os traços mais significativos da coleção são isolados. Certos aspectos emergem como essenciais e são classificados sob nomes que devem ser tão significativos e instrutivos quanto possível no atual estágio de conhecimento. (BERNE, 1964, p.53).

Resumidamente, Berne distinguiu os elementos do jogo como podem ser observados na tabela abaixo:

TESE	Descrição geral dos jogos
ANTÍTESE	Conduta ou atitude que interrompe o jogo. Recusa de jogos ou pela eliminação do desfecho.
OBJETIVO	Propósito geral do jogo, levando em

	consideração as alternâncias
PAPÉIS	Definição das transações e dos Estados de Ego envolvidos no jogo.
LANCES	Corresponde aos estímulos em um ritual.
VANTAGENS	Equilíbrio biológico que é promovido pela estimulação e a estabilidade psicológica é garantida pelo reforço das posições assumidas pelos jogadores.

TABELA 2- Elementos do Jogo

7. ANÁLISE DO “SCRIPT”

O futuro é desconhecido, ninguém sabe o que de fato ocorrerá no amanhã, no entanto, isso não nos impede de fazer planos. Fantasiamos sobre ter filhos, fazer uma faculdade, realizar uma viagem ou até mesmo comer um bolo de laranja no outro dia pela manhã. Na AT, o seu plano de vida, sejam realizações, frustrações, sucessos ou fracassos, tem relação com o que lhe foi acometido na infância, em geral, não-consciente e que foi denominado por Berne como “script”, que definido como:

Cada pessoa decide como viverá em sua primeira infância e como morrerá, e a esse plano, que leva na cabeça aonde for, denominamos *script*. Sua conduta trivial pode decidi-la pela razão, mas suas decisões importantes já estão tomadas, com que tipo de pessoa se casará, quantos filhos terá, e quem estará consigo quando morrer. Pode ser que não ocorra o que ele quer, mas quer que ocorra algo muito concreto. (BERNE, 1985, p.8)

De acordo com Crema (1984), em sua prática, Berne apenas abordava a análise do *script* numa fase mais avançada do processo psicoterápico, e de forma individual.

8. LUDOTERAPIA

Existe uma técnica de atendimento infantil denominada Ludoterapia. Acredita-se que o meio de expressão da criança é através do brincar. A grande diferença dessa técnica para o atendimento comum de adultos é que a Ludoterapia dispõe da Sala Lúdica, que é um espaço, repleto de brinquedos e que possui recursos que idealizam a criança momentos em que ela pode externalizar seus sentimentos. Para o desenvolvimento deste relatório, que trata-se do estudo de caso de um atendimento infantil, será abordado o manejo da técnica em questão.

De acordo com Axline (1972), a ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de auto-expressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brinquedo, da mesma forma que, em certas formas de terapia para adultos, o indivíduo resolve suas dificuldades falando. É ressaltado pela autora a importância do brincar e como essa técnica poderá ajudar a estabelecer vínculos com a criança e fazer com que o brinquedo seja um meio natural de externalizar os sentimentos dela.

A sala lúdica traz à tona o universo infantil e deve trazer conforto a criança, assim como a postura do terapeuta também deve ter essa finalidade. Ainda de acordo com Axline:

A sala de Ludoterapia é um bom lugar de crescimento. Na segurança dessa sala, onde a “criança” é a pessoa mais importante, onde ela está no comando da situação e de si mesma, onde ninguém lhe diz o que deve fazer, ninguém critica o que faz, ninguém importuna, faz sugestões, estimula-a ou intromete-se em seu mundo particular, subitamente ela sente que pode abrir suas asas, pode olhar diretamente para dentro de si mesma, pois é aceita completamente (AXLINE, 1972, p.28)

Nessa técnica, um dos fatores importantes também é a criação de vínculos com a criança. O excelente manejo da técnica é primordial para fazer com que isso aconteça e assim, haja o desenvolvimento das sessões, finalizando de forma eficaz. Com base nisso, concorda-se com Axline (1972):

A presença na sala de brinquedos de uma terapeuta compreensiva e amigável, que a aceite, dá-lhe essa sensação de segurança, fortalecida pelo pequeno número de limitações. A participação da terapeuta, durante o contato terapêutico, reforça também o seu sentimento de segurança. A terapeuta é sensível ao que a criança está sentindo e expressando através de seu brinquedo e de sua verbalização. Ela reflete essas atitudes emocionalmente expressas, de tal maneira que a ajude a compreender-se melhor. Ela respeita a criança, sua capacidade de manter-se sobre seus próprios pés e de tornar-se um indivíduo mais maduro, independente, se lhe é dada uma oportunidade para isso (AXLINE, 1972, p.30).

9. PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

A clínica integrada no UNI RN oferece, além da Psicologia, serviços como: nutrição, fisioterapia, educação física, enfermagem e serviço social. As conveniências são oferecidas aos alunos, profissionais e a população em geral

No setor de psicologia são desenvolvidas atividades como acolhimento de pessoas para entrar em processo terapêutico, com duração de 1 ano (podendo ter continuidade no ano posterior com outro estagiário). Além disso, é oferecido o Plantão Psicológico, onde é proporcionada a realização de uma escuta emergencial, no momento onde o profissional necessita de manejo e bastante preparo para lidar com suas emoções, avaliando com cuidado a gravidade de toda a situação, exercendo o melhor para o paciente. Faz parte do processo a realização da triagem, onde ocorre a escuta e o

encaminhamento, podendo ser feito para todos os outros setores dispostos na clínica.

A Clínica possui, no setor de Psicologia, sete salas de atendimento individual, uma sala de supervisão, uma sala multiuso, uma sala para atendimento grupal e duas salas de Ludoterapia, utilizadas exclusivamente para os atendimentos infantis.

O ambiente climatizado, também conta com medidas inclusivas, como o banheiro adaptado e elevador adaptado para deficientes, gestantes e/ou idosos. O valor cobrado por sessão também é bastante inclusivo, chegando a custar na faixa de 0 a 15 reais. A clínica dispõe atendimento para toda a população.

A supervisora do estágio referido é Geórgia F. Martins Saldanha Baeta Neves, que durante todo o processo foi essencial e impecável na realização de suas atividades relacionadas aos atendimentos, dando o norte crucial e proporcionando um conhecimento enriquecedor.

Nesse sentido, a clínica trabalha em conjunto, ou seja, todas as áreas, dependendo do caso, se necessário, podem integrar-se aos atendimentos, estabelecendo um vínculo multiprofissional visando o bem estar dos demais pacientes.

9.1. ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO CAMPO DE ESTÁGIO

No decorrer da prática do estágio obrigatório foi possível compreender na prática, a essência do tratamento multidisciplinar, onde foi observado que a Clínica-Escola, também possui a alternativa de realizar um atendimento integrado com todos os outros cursos disponíveis na Clínica.

Também foi observado fatores que complicam a atuação do estagiário psicólogo nessa área, relacionados a alguns pacientes abandonarem o tratamento, logo nos primeiros encontros, ocorrendo a falta de adesão. Tendo isso em vista, ainda há certos abalos entre as equipes multiprofissionais, onde percebe-se a falta de acompanhamento integrado, quando os pacientes vêm

encaminhados de outras áreas da clínica.

9.2. ATIVIDADES PROPOSTAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foram desenvolvidos estudos bibliográficos fundamentados na teoria e na prática da abordagem Análise Transacional. Diante disso, tornou-se capaz de entender e se aprofundar no uso da teoria, relacionando aos atendimentos realizados na Clínica Integrada do UNI RN. Foram utilizados saberes da Psicoterapia Infantil, com base, também, na teoria de Arminda Aberastury, que serviu como base para desenvolver a teoria e a prática e auxiliando no desenvolvimento deste relatório.

A proposta final teve como elemento o atendimento infantil realizado na Clínica-Escola, percebendo uma criança de 8 anos de idade. Foram realizadas durante todo o ano de 2017, um total de 22 sessões –sendo uma delas devolutiva com os pais e outra uma visita a escola- cada encontro teve 50 minutos de duração, no decorrer do processo houveram algumas faltas, todavia todas foram devidamente justificadas.

Realizou-se uma revisão da bibliografia sob à luz da Análise Transacional, através do estudo individual, práticas em grupos terapêuticos, troca de conhecimentos e experiências ocasionados durante as supervisões em grupo, além de contato direto e individual com a orientadora Geórgia Martins, com o propósito de aprofundar as técnicas e o conhecimento da abordagem tencionada.

As supervisões eram realizadas semanalmente, todas as quartas-feiras das 8h30 às 11h30, no grupo havia o total de 6 estagiários. Os casos clínicos eram discutidos de forma ampla, detalhada e comunicativa. Todos os integrantes explanavam seus questionamentos, que eram bem resolvidos pela orientadora em questão, que trazia além das experiências de seu histórico de atendimentos, propostas de intervenção para o auxílio na elaboração de um

atendimento eficaz.

Os objetivos dos atendimentos, além de aperfeiçoar a escuta a partir da AT, se baseou também em trabalhar a criação de vínculo com os pacientes, proporcionando melhor acolhimento e eficácia na elaboração de estratégias de intervenção de acordo com a demanda de cada paciente. Além disso, buscou-se entender o funcionamento do atendimento através das técnicas da Análise Transacional num atendimento exclusivamente infantil, levando em consideração a postura do terapeuta clínico. Depois, elaborar uma entrevista desenvolvimental com os pais da criança, compreendendo cada estágio de desenvolvimento do paciente para então o acolher e realizar as intervenções necessárias, de acordo com seu histórico de vida.

10. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

10.1. ENTREVISTA DESENVOLVIMENTAL – FASE INICIAL

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008), compreender o desenvolvimento humano é uma condição para tentar entender as questões que permeiam o bebê, a criança, o adolescente, o adulto e o idoso. Nesse sentido, o desenvolvimento é um processo dinâmico e contínuo em que aspectos físicos, psicológicos, biológicos, sociais e culturais estão conectados,

produzindo as peculiaridades de cada indivíduo.

Sendo assim, a Psicologia do Desenvolvimento se preocupa, conforme Dessen e Costa Junior (2005), com o estudo do ser humano em todos esses aspectos e como eles se relacionam, bem como seu processo de humanização, investigando as mudanças que ocorrem na vida, desde a infância até a velhice.

A fim de balizar o estudo do desenvolvimento várias teorias foram criadas a partir de observações, pesquisas com indivíduos e grupos de diferentes níveis sociais, faixas etárias e pertencentes a diferentes culturas.

Dentre essas teorias destacam-se as Teorias Interacionistas de Piaget, Vygotsky e Wallon, as quais consideram a criança como sujeito ativo no seu processo de desenvolvimento, o qual é permeado pela interação dialética entre o indivíduo e o meio.

10.2. O DESENVOLVIMENTO HUMANO: O PAPEL DA PSICOLOGIA

O desenvolvimento humano refere-se tanto ao desenvolvimento orgânico quanto ao mental. O orgânico, segundo Papalia e Feldman (2013), diz respeito ao processo de maturação biológica, isto é, o crescimento do corpo e do cérebro, aumento das acuidades perceptivas e habilidades motoras. Já o desenvolvimento mental, conforme Bock, Furtado e Teixeira (2008), “é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais.” (p. 116). Ainda de acordo com os autores, essas estruturas são formas de organização mental que, com o tempo, são aperfeiçoadas e solidificadas em um processo sucessivo até um determinado ponto de equilíbrio no qual o sujeito gera o balanceamento dos aspectos da inteligência, da vida afetiva e das relações sociais.

Nesse contexto, o desenvolvimento envolve uma série de fatores que ocorrem concomitantemente: hereditários, crescimento orgânico, maturação neurofisiológica e o meio (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008). Quanto aos

hereditários os autores expõem que envolve a carga genética a qual estabelece as potencialidades do indivíduo, as quais podem ou não se desenvolver. Sabe-se que a inteligência, por exemplo, possui um aspecto genético, no entanto, a partir de outros fatores como o social, cultural, meio ambiente, pode ou não progredir (GARDNER, KORNHARBER e WAKE, 2003).

O crescimento orgânico se refere às características físicas em si. Isto é, o desenvolvimento dos ossos e aumento da estatura permitem à criança realizar atividades com um domínio que antes não existia. A maturação neurofisiológica alude ao desenvolvimento neurofisiológico, incluindo acuidades motoras, perceptivas, orientação do corpo no espaço, tornando-se possíveis novos padrões de comportamento. Por fim, o meio está relacionado ao conjunto de influências e estimulações ambientais que alteram o comportamento do indivíduo, sendo assim, a criança desenvolverá aspectos do que faz parte de sua experiência de vida.

Como os seres humanos são seres sociais, desde cedo desenvolvem-se em contextos históricos e sociais específicos. Papalia e Feldman (2013), o primeiro contexto no qual a criança está inserida é normalmente a família. Por sua vez, a família sofre influência de outros contextos mais amplos. Posteriormente o leque de relacionamentos da criança aumenta, possibilitando a influência desses contextos mais amplos diretamente sobre ela. Ainda conforme os autores, esses outros contextos se relacionam ao nível socioeconômico - NSE, à cultura e raça/etnia e ao contexto histórico.

O NSE afeta os processos de desenvolvimento, na medida em que influencia o relacionamento entre pais e filhos, desempenho cognitivo e saúde, bem como qualidade de nutrição, assistência médica e escolaridade disponíveis na vizinhança. Portanto, as ameaças ao bem-estar das crianças aumentam quando fatores de risco estão presentes, isto é, de acordo com os autores, a existência de condições socioeconômicas desfavoráveis pode contribuir para prejuízos emocionais ou comportamentais nas crianças, tendo como consequência danos aos seus potenciais cognitivos e escolares.

No entanto, os autores ressaltam que a pobreza não é fator determinante para esses prejuízos, visto que crianças de famílias cujo nível

socioeconômico é elevado também sofrem perdas em seus processos de desenvolvimento, no entanto por outros fatores. Na verdade, conforme Valladares e Moore (2009), é provável que a comunidade científica tenha se atido demais aos efeitos negativos da pobreza, sem levar em consideração os aspectos positivos e a superação existentes nas classes sociais de baixo NSE.

De acordo com Laraia (2009), a cultura pode ser entendida como o modo de vida de uma sociedade, incluindo aspectos como modo de pensar, falar, agir em uma lógica própria e dinâmica. Salientando que nem todos os membros de uma mesma cultura experimentam de todos os aspectos de sua sociedade, Laraia conclui que existe um mínimo de participação do indivíduo no conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. O grupo étnico por sua vez, de acordo com Papalia e Feldman (2013), pode ser entendido como o conjunto de pessoas que compartilham a mesma cultura, religião, ancestralidade, língua ou origem nacional, de modo a contribuir para criar um senso de identidade, crenças, valores e atitudes comuns.

Nesse sentido, Papalia e Feldman expressam que a cultura e os grupos étnicos afetam o desenvolvimento humano por influenciarem, por exemplo, na composição da família, no modo como seus membros agem uns com os outros, na maneira como os membros da família pensam e percebem sobre o mundo, nas brincadeiras das crianças, no tipo de alimentos consumidos, etc.

Por último, o contexto histórico se relaciona à época em que as pessoas vivem, e, quando os pesquisadores começaram a incluí-lo em seus estudos sobre o desenvolvimento, perceberam que certas experiências, ligadas ao tempo e ao lugar, afetam o curso de vida das pessoas, tornando esse aspecto uma importante fonte de estudos do desenvolvimento (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

As mudanças no desenvolvimento são adaptativas, sistemáticas e organizadas, e refletem situações internas e externas ao indivíduo que tem que se adaptar a um mundo em que as mudanças são constantes (PAPALIA e OLDS, 2000).

Nessa perspectiva, para entender as semelhanças e diferenças no desenvolvimento de cada pessoa é preciso olhar para influências normativas e não normativas (BALTES e SMITH, 2013 apud PAPALIA e FELDMAN). Desse modo, as influências normativas podem ser reguladas pela idade ou reguladas pela história. O primeiro se dá quando são muito semelhantes para determinadas faixas etárias, isto é, de acordo com Papalia e Feldman (2013), a ocorrência de fatos biológicos é praticamente o mesmo dentro de uma faixa etária normal. Já o segundo ocorre quando eventos históricos modificam o comportamento e as atitudes de uma geração. As influências não normativas por sua vez “são eventos incomuns que causam grande impacto na vida dos indivíduos por perturbarem a sequência esperada do ciclo da vida” (PAPALIA E FELDMAN, 2013, p. 48).

Esse conjunto de influências contribui tanto para o desenvolvimento, quanto para o como as pessoas vivenciam suas experiências no decorrer da vida. Nesse contexto, segundo Mota (2005) há o consenso para os pesquisadores do desenvolvimento humano, concordando que o objeto de estudo do psicólogo do desenvolvimento é o estudo das mudanças que ocorrem na vida dos indivíduos.

11. APLICAÇÃO DA ENTREVISTA DESENVOLVIMENTAL- RESULTADOS

Tendo isso em vista, no dia 12 de Abril de 2017, os pais de Matheus compareceram à Clínica Integrada do UNI RN, para participar de uma entrevista inicial. Nesse primeiro encontro, também seguimos o roteiro da Entrevista Desenvolvidor com o intuito de conhecer e relembrar todo o histórico que desencadeou o processo saúde-doença da criança.

A sessão estava marcada para as 15h, a mãe estava presente na recepção 15 minutos mais cedo. Quando chegou o momento de caminhar até a sala, ela pediu para que esperasse pois o pai estava chegando e gostaria que ele participasse, 5 minutos depois o pai chegou e seguimos para a sala.

No momento inicial a mãe relatou estar muito ansiosa e preocupada com a situação do seu filho, enfatizando que o principal motivo de estar procurando terapia para ele se baseia no fato de não querer que ele tenha o mesmo comportamento ansioso e “super-protetor” que ela possui, tendo em vista que Matheus se preocupa bastante com a sua irmã Letícia de 4 anos, alegando que ele cuida dela como se fosse um pai e que tem medo de que algo de grave aconteça com ela ou que ela morra, e por esse motivo se sente ansioso quando está longe de sua irmã.

Correlacionando a teoria de Eric Berne e sua visão de que somos formados por três Estados de Ego, pode-se concluir que o comportamento de Matheus ao superproteger sua irmã como um pai, seria a representação de uma criança no Estado de Ego Pai, que protege e se preocupa.

Com base na aplicação da Entrevista Desenvolvimental com a mãe Louise, de 26 anos e o pai Felipe de 30 anos de idade. Nessa entrevista foram relatadas as seguintes características, envolvendo o período pré-natal, alimentação, sono, manipulação e hábitos, história clínica, desenvolvimento psicomotor, sexualidade, vida social e lazer, relacionamento familiar, disciplina e história escolar.

11.1. Período Pré-Natal:

A criança foi muito desejada pelos pais, mas a mãe relatou que durante a gestação, muitas vezes se sentiu muito ansiosa por idealizar muito o filho homem perfeito. O parto foi cesariano e o pai esteve presente durante todos os momentos. A mãe chegou a relatar que Matheus foi o membro mais desejado de toda a família, não só dos pais, e alegando que recebeu 67 visitas no hospital quando a criança nasceu.

11.2. Alimentação:

A mãe disse não se recordar qual foi o momento em ocorreu o desmame, mas acredita que até por volta dos 9 meses. De acordo com o relato dos pais,

atualmente a alimentação de Matheus é péssima. A fala trazida pelo pai é de que a criança se “alimenta de vento”, apesar disso ela não deixa de se alimentar quando a família se reúne para fazer as refeições, apesar de comer muito pouco. A criança não sente vontade de comer comidas feitas em casa, gostando de se alimentar apenas de “porcarias” segundo a fala da mãe.

11.3. Sono:

Foi relatado que, durante o ano passado, a criança passou por episódios de terror noturno, que depois se desencadeou a um sonambulismo. Durante a noite tinha muitos pesadelos, quase sempre acordando e não conseguindo mais dormir. Atualmente a criança dorme no mesmo quarto que a irmã e não apresenta muitos episódios de sonambulismo ou pânico noturno. É obediente com os horários, possui horário definido para dormir que é por volta das 21h.

11.4. Manipulação e Hábitos:

A criança possui o hábito de dormir com um “xodózinho” que é um paninho velho que pertencia a sua irmã. A mãe trouxe ainda que quando Matheus está muito ansioso costuma ficar friccionando o paninho nos lábios a ponto de se machucar.

11.5. História Clínica:

A criança não possui histórico de internações ou qualquer doença crônica. Houve apenas reações normais de febre às primeiras vacinas e alguns episódios de dores de cabeça. Os pais afirmaram que a criança faz acompanhamento com pediatra e já frequentou o neurologista para tratar o sonambulismo e o terror noturno, mas atualmente continua apenas com o psiquiatra.

11.6. Desenvolvimento Psicomotor:

De acordo com o exposto pelos pais, a criança começou as tentativas de sentar aos 06 (seis) meses de idade, sentando-se sozinha aos 08 (oito) meses. Entre 09 (nove) e 11 (onze) meses a criança começou a engatinhar e com cerca de um ano e dois meses começou a andar. A evolução motora da criança encontra-se dentro dos padrões esperados para sua faixa de idade.

Os pais costumavam estimular a criança a falar, e segundo eles, entre 07 (sete) e 08 (oito) meses ela começou a dizer as primeiras palavras. Já com cerca de dois anos Gabriel já falava praticamente todas as palavras.

11.7. Sexualidade:

De acordo com os pais, Matheus nunca perguntou nada relacionado a essa questão, a mãe chegou a relatar que acha estranho a criança nunca ter questionado “de onde vem os bebês?”

11.8. Vida social e Lazer:

A família costuma sair apenas nos finais de semana para casa de outros familiares. Não são acostumados a fazer outras atividades, tendo em vista que as crianças estudam em tempo integral.

11.9. Relacionamento familiar:

Os pais trouxeram que a criança se relaciona muito bem com todos. Mas que possui uma postura “superprotetora” para com a irmã.

11.10. Disciplina:

De acordo com os pais a criança é extremamente obediente. Nunca fez birra, não é teimoso, executa as atividades no momento em que eles pedem, segue todos os seus horários sem questionar. A fala do pai é de que “não lembro qual foi a última vez que Matheus deu trabalho”. Além disso, é bastante organizado e metódico.

11.11. Histórico escolar:

A adaptação a escola não foi complicada para a criança. Atualmente estuda em uma escola particular de tempo integral, no mesmo ambiente em que a mãe é professora. Não apresenta dificuldades em realizar suas atividades, apesar de ficar muito ansioso antes de fazer provas ou atividades avaliativas.

Assim sendo, a Entrevista Desenvolvidor constitui um fator importante na investigação do desenvolvimento do indivíduo. Após analisar a entrevista, concluiu-se que assim como fatores biológicos, o comportamento dos pais influenciou e influencia de forma positiva e negativa o desenvolvimento da

criança, sendo que com a superproteção da mãe, a criança que dos dois aos três anos executava tarefas sozinha, tornou-se totalmente dependente dela.

Diante da entrevista foi percebido que os pais vivem em conflitos constantes. A criança apresenta um nível de desenvolvimento cognitivo alto, percebendo o conflito. Não foi encontrado nenhum transtorno desenvolvido pela criança, o que foi observado é que a criança se comporta de acordo com os estímulos que recebe. Concluímos que tanto em ambiente escolar como familiar, a criança se desenvolve a partir de suas experiências, sendo ela atuante em seu processo de formação. Portanto o papel dos pais e da comunidade é proporcionar as experiências, possibilitando o desenvolvimento motor e cognitivo e da criança.

12. HORA DO JOGO

A mãe chegou com a criança ao consultório com 10 minutos de antecedência, foi explicado a criança que ela participaria de uma brincadeira com uma “moça” e que a criança deveria conversar sobre tudo com essa “moça”. A criança subiu de mãos dadas com a estagiária, acompanhando-a lentamente até a sala onde seria realizada a sessão.

Ao entrar na sala a criança, dando sorrisos tímidos e aparentemente maravilhado com a quantidade de brinquedos, demonstrou indecisão sobre o que escolheria para brincar. É importante, de acordo com Axline (1972) que desde a sessão inicial o terapeuta torne claro para a criança que respeita sua capacidade de tomar suas próprias decisões e que mantenha firme esse princípio.

De acordo com Aberastury (p.98) a primeira ação que realiza a criança, assim como o tempo que transcorre até que inicia, nos ensina muito sobre sua atitude frente ao mundo; o grau de inibição de jogo que manifesta é índice da gravidade de sua neurose. Veremos logo que a primeira sessão é de

importância muito especial, porque nela a criança mostra qual é sua fantasia inconsciente de enfermidade e de cura e como aceita ou rejeita nosso papel de terapeuta.

A criança permaneceu curiosa, abrindo todas as caixas e gavetas, sem fazer comentário algum. De acordo com Aberastury (1982), é um comportamento totalmente saudável, a criança entrar na sala de Ludo e ir direto explorar toda a sala denota aspectos vantajosos.

Em seguida, a criança abriu uma caixa e viu que tinha blocos e encaixar (lego) e montar. Matheus foi questionado sobre o que ele iria construir, e então ele respondeu que gostaria de montar um robô, que destruía os vilões e acabava com os ladrões, o seu poder era voar e atirar fogo pelos olhos.

Quando a criança começou a montar os blocos, foi percebido um grande desconforto de Matheus, ao perceber que os blocos estavam desorganizados, as peças estavam misturadas na mesma caixa, fazendo com que alguns blocos não encaixassem, por seres de tipos diferentes. Matheus então, pacientemente separou todos os blocos por tipo e cor, para então dar início a construção do seu robô. O paciente não precisou de auxílio para a realização desta tarefa.

De acordo com Axline (1972)

O terapeuta deve estar atento aos sentimentos que a criança expressa. Raramente uma criança vai para a sala de brinquedos e demonstra, de saída, seus sentimentos mais profundos, através do brinquedo. Primeiro há um período de exploração, de teste, de tomada de contato. A criança deve confiar no terapeuta, se é com ele que ela dividirá seus sentimentos. Deve se sentir segura o bastante para poder trazer à luz, tanto seus bons quanto maus sentimentos, e não ter medo de que esse adulto a reprove. Essa confiança do terapeuta baseia-se na maneira pela qual este aplica os princípios básicos. (AXLINE, 1972, p.106)

Ao organizar os blocos, a criança pareceu bem mais confortável para conseguir montar os robôs. Ao concluir a montagem, encenou uma pequena luta entre os robôs, onde o bem venceu o mal. Nesse momento, Matheus ao terminar a brincadeira, desmontou todos os blocos cuidadosamente e separou

por tipo em dois baldes diferentes, colocando em seguida, no canto da sala.

Durante o atendimento, foi percebido que a criança olhava bastante para o relógio, demonstrando preocupação sobre quanto tempo estava faltando para acabar com as brincadeiras.

A criança então, escolheu um jogo de tabuleiro para jogar. Nesse momento, foi dito a Matheus que faltavam poucos minutos para encerrarmos nossa brincadeira. A criança aceitou muito bem o fim do atendimento, porém respondeu que ainda tínhamos 3 minutos e era o suficiente para brincarmos.

No nosso primeiro contato, foi percebido um comportamento extremamente organizado e incomum para uma criança de oito anos, levando em consideração a angústia percebida ao se deparar com os blocos desorganizados. Ao finalizar a sessão, a criança pediu para confirmar se ele realmente iria brincar todas as quartas, e que gostaria muito de voltar a sala.

Nas outras sessões, Matheus chegava cada vez mais comunicativo, falando com tom de voz mais alto, e aos poucos foi perdendo a timidez. Quando se deparava com brinquedos que faltavam peças, a criança começou a criar brincadeiras que supriam essa falta. E assim, foi se estabelecendo o vínculo. Seu comportamento durante as sessões continuava bastante organizado e sempre preocupado em arrumar todos os brinquedos ao finalizar.

Levando em consideração a teoria de Berne sobre os estados de ego, é possível entender que Matheus é uma criança que apresenta durante todo o tempo uma postura de Pai. Sempre muito preocupado com o tempo de término da sessão e com a organização da sala.

12.1. ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES – FASE INTERMEDIÁRIA

Ao perceber esse comportamento, em determinada sessão, foi proposta a criança que na sessão posterior realizaríamos a Hora da Bagunça, onde seria permitido desorganizar todos os brinquedos da sala, sem precisar organiza-los em seguida. A criança não respondeu bem a intervenção, mantendo o

comportamento organizado.

Em uma das sessões, Matheus decidiu brincar com o material disposto em uma caixa, onde haviam materiais de pintura e material escolar. Com base nisso, foi proposto a criança que confeccionasse sua própria caixa, onde ele poderia pintar da maneira que quisesse e tinha como objetivo guardar tudo que ela produzisse durante as sessões. Foi explicado a criança que essa caixa seria apenas de uso exclusivo dela.

A proposta de intervenção da caixa teve como objetivo elaborar a externalização dos sentimentos da criança, onde ela poderia ficar à vontade para explanar seu lado criativo e sensível. De acordo com Aberastury (1982), a caixa individual toma, progressivamente, enorme importância, ainda que nem sempre isso se expresse abertamente. Há crianças que durante meses não tocam num brinquedo, outras se empenham em deixar tudo fora, como se não lhes importasse ter algo para si. A criança pintou a caixa e deu para ela o nome de “caixa dos brinquedos”, produziu com massa de modelar figuras que representavam o pai, a mãe e a irmã. E os guardou na caixa.

A criança usou da casa de brinquedos, disponível na sala de ludoterapia, para simular acontecimentos de seu dia a dia, com o material que ela mesma produziu com a massa de modelar. Em uma das sessões, trouxe que o pai da família ficava durante muito tempo sentado ao computador e não dava a devida atenção aos filhos, que pediam ao pai que contasse histórias para os filhos dormirem. A projeção ocorrida durante essa brincadeira coincidiu com a realidade, tendo em vista que o pai de Matheus trabalha com computadores.

De acordo com Aberastury (1984, p.71) “todo menino necessita de um pai, para poder desprender-se da mãe”, tendo isso em vista, o pai é tido para o filho como um referencial de identificação, ele precisa estar suficientemente presente na rotina de seu filho.

Foi através da criação de sua própria caixa que Matheus começou a expressar suas angustias com mais clareza. Trazendo aspectos da sua rotina familiar que emanavam seu comportamento durante as sessões.

Em casa, Matheus é uma criança extremamente regrada, possuindo

horários para dormir, comer e brincar. Fato esse que foi trazido durante as sessões, tendo em vista sua preocupação em relação a organização dos brinquedos da sala e com o tempo do término do atendimento.

Aos poucos, Matheus foi se desprendendo do comportamento organizado, ficando cada vez mais à vontade para desorganizar os brinquedos e organiza-los apenas no final da sessão.

Através do brincar a criança pôde expandir seus sentimentos acumulados e libertar-se do comportamento controlado, de tensão e de insegurança ao realizar suas atividades. Com base nisso, concorda-se com Axline (1972)

Libertando-se desses sentimentos através do brinquedo, ela se conscientiza deles, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los ou os esquece. Quando ela atinge uma certa estabilidade emocional, percebe sua capacidade para se realizar como um indivíduo, pensar por si mesma, tomar suas próprias decisões, tornar-se psicologicamente mais madura e assim sendo, tornar-se pessoa. (AXLINE, 1972, p.28).

12.2. DEVOLUTIVA COM OS PAIS

A primeira devolutiva foi realizada com a mãe de Matheus, que já havia trazido que o seu maior medo era que seu filho desencadeasse o mesmo comportamento superprotetor que o dela. A mãe trouxe nos seus relatos que sua maior preocupação no momento era em relação a escola de Matheus, ela acredita que a escola negligencia os sentimentos da criança, por achar que tudo o que acontece com ele é dramatizado por ela.

As orientações dadas a mãe referiam-se a trabalhar sua rigidez com relação aos horários da criança, alegando que esse tipo de severidade e inflexibilidade, pode prejudicar o desenvolvimento da criança.

Na devolutiva ainda foi questionado a mãe sobre como era sua criação. A mãe de Matheus trouxe à tona que sua criação também foi bastante regrada, assim como é a de Matheus.

A mãe ainda traz em seu relato que seu maior desejo é de que a criança não se torne um espelho dela. Quando perguntada sobre a relação de Matheus com o pai, que não estava presente, a mãe respondeu que os dois se dão muito bem, mas que não conseguem ter bastante contato pois a criança fica a maior parte do tempo na escola, e seu pai trabalha bastante, inclusive durante a noite, em casa.

O principal intuito dessa devolutiva foi trazer aos pais informações pertinentes observadas durante as sessões com o paciente. Foi esclarecido para a mãe que é importante que a família perceba que a criança não necessariamente precisa ser bastante regrada, e que isso pode prejudicar, inclusive o ser criança e suas brincadeiras.

12.3. VISITA A ESCOLA

Segundo Brandão (2007) a educação, em seu sentido mais amplo, pode ser entendida como o meio no qual hábitos, costumes e valores de uma comunidade são repassados às gerações seguintes. Esse conceito também leva em consideração aspectos como cortesia, delicadeza e civilidade do sujeito. Em seu sentido mais técnico, é o meio no qual se desenvolvem as faculdades físicas, intelectuais e morais do indivíduo, a fim de promover integração com o seu grupo ou com a sociedade.

Assim sendo, ainda de acordo com o autor, essa socialização pode ser considerada como ponto em comum entre todas as formas de ensinar o ser humano. A socialização realiza e dissemina as necessidades e projetos de uma sociedade, bem como faz o contorno da identidade, da ideologia e do modo de vida de um grupo social.

O paciente estuda em uma escola particular, de tempo integral, onde realiza atividades durante todo o dia, tendo um momento de soneca no período da tarde.

Tendo isso em vista, a entrevista com a escola foi realizada com a

coordenadora pedagógica e a professora da criança. O ambiente escolar possui uma proposta pedagógica bem definida e bem planejada, no geral, em escolas de tradição e com gestores preocupados com a humanização das instituições escolares, o trabalho do psicólogo é bem aceito.

O objetivo da visita teve o intuito de proporcionar um maior conhecimento da progressão da pessoa do aluno na instituição escola, através do acolhimento e da escuta dos relatos das professoras em relação ao que vem sendo observado no cotidiano escolar, proporcionando o desenvolvimento de potencialidades e crescimento pessoal.

Piaget, Vygotsky e Wallon, segundo Craidy e Kaercher (2001), “tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio”. Essas teorias são conhecidas como Interacionistas e concebem que o desenvolvimento infantil se dá de forma dinâmica, sendo as crianças ativas nesse processo, e não apenas receptoras das informações. Sendo assim, ainda de acordo com os autores, através da interação da criança com o próprio corpo, com os elementos do seu ambiente, bem como através dos relacionamentos sociais, o indivíduo desenvolve sua sensibilidade, capacidade afetiva, raciocínio, autoestima e linguagem.

No primeiro momento da visita, a professora de Matheus trouxe que o comportamento da criança na sala de aula é muito passivo e que a criança geralmente não verbalizava quando algo o incomodava. Em algumas situações Matheus chegava a demonstrar raiva aparente em alguma situação, mas apenas se calava e ia para algum canto.

No entanto, Matheus interage bem com os colegas, possui quatro amigos próximos que, segundo a fala da professora, possuem o mesmo comportamento que o paciente.

A coordenadora relatou que a criança não consegue executar suas tarefas sozinho e está sempre pedindo ajuda, mesmo quando ele sabe executar a atividade que lhe foi proposta. E levantou questões relacionadas a ser o papel da família ter que trabalhar a autonomia da criança.

A professora de Matheus trouxe à luz um acontecimento ocorrido

durante a fila para lanche. Relatou que a criança estava na fila, e sua mãe, que atua como professora no mesmo ambiente, a chamou e pediu para que ela comprasse o lanche da criança, pois a criança não iria conseguir pedir. Nesse sentido, a professora acredita que a mãe tem uma postura de não deixar que a criança estabeleça suas próprias atividades sozinha, influenciando no seu crescimento autônomo.

A visita a escola serviu para confirmar os fatos que já haviam sido trazidos pelos pais durante a entrevista desenvolvimental. A criança apresenta o mesmo comportamento nos dois ambientes.

12.4. DISCUSSÕES E RELAÇÃO COM A TEORIA – FASE FINAL

No decorrer das últimas sessões, Matheus começou a demonstrar comportamento menos controlado. Passou a preferir brincadeiras onde fazia grande bolos com massa de modelar, pisoteava-os e os atirava contra a parede. Em determinado momento, a criança lançou a grande massa contra a estante de brinquedos, onde haviam muitos bonecos de ação e pequenos animais. Ao perceber que os brinquedos se espalharam por toda a sala, Matheus começou a gargalhar relatando que estava sendo muito divertido. Nesse instante, percebe-se a evolução da criança ao se deparar com a oportunidade de poder desorganizar os objetos.

Em uma das sessões a criança passou a construir castelos com os blocos de montar, os empilhando em cima dos banquinhos que faziam parte da sala de Ludo. Logo após construir os castelos, a criança modelava bolas gigantes com a massa de modelar de várias cores misturadas e atirava primeiro contra a parede e depois contra os castelos, destruindo-os.

Percebe-se aqui, o contraste no comportamento da criança, com relação as primeiras sessões. O comportamento controlado foi totalmente extinto.

Com o passar das sessões foi se mostrando cada vez mais confortável a desorganizar os objetos e deixando apenas para organizar no final da sessão. A criança relatou que “toda ação tem uma consequência”. Esse relato chamou atenção, pois percebe-se que a criança, mesmo estando aberta a experimentar o comportamento bagunceiro, ainda assim não esquece das suas responsabilidades. No entanto, não demonstrou frustração ao perceber que teria que arrumar toda a sua bagunça, sabendo que aquele era seu momento.

De acordo com Aberastury (1984), papel, lápis e lápis de cor são os materiais com os quais preferentemente se comunica uma criança entre seis e doze anos, devendo, portanto, estar sempre a sua disposição para tal fim; o mesmo acontece com a massa de modelar. Mas, se uma criança pretende usá-la para atira-la ao chão e pisoteá-la, a observaremos até compreender sua atitude em relação a ela e os jogos anteriores.

Os atendimentos com Matheus ainda seguem em decorrência, todavia, percebemos a evolução do caso, onde observa-se que o comportamento controlado foi extinto no decorrer das últimas sessões. A rigidez que a criança expressar nas primeiras sessões foi desfeita.

A criação de vínculo foi alcançada com sucesso, tendo em vista que a criança verbalizou bastante durante os atendimentos. Desde o início do processo, notou-se que muitas questões da própria mãe influenciavam aquilo o que era revelado nos atendimentos da criança.

O paciente demonstrou progresso durante o tratamento, superando o comportamento rígido, mostrando criatividade para criar suas brincadeiras e não se atendo a questões de adulto. A criança deixou de se ater a postura do Estado de Ego Adulto, e passou a se revelar Criança a maior parte do tempo.

Não obstante esses aspectos, é importante ressaltar que o paciente ainda precisa desenvolver meios para lidar com os seus conteúdos, tendo em vista que seu comportamento na escola continua passivo e pouco dependente.

Nesse sentido, é conveniente que a criança continue o processo terapêutico. A mãe do paciente aderiu ao processo, recomenda-se que mantenha seu tratamento, com a possibilidade de que o seu esposo também inicie o processo, possibilitando assim a melhor compreensão daquilo que pode

estar sendo fator gerador de ansiedade.

Além disso, fazendo luz à teoria de Berne, Matheus deixou de estar numa postura de Pai/Adulto e ao final das últimas sessões trouxe comportamento de Criança a maior parte dos atendimentos.

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Ao analisar o percurso percorrido pelo paciente Matheus no processo terapêutico é possível afirmar que houve um considerável progresso, abrangendo não apenas o paciente em si, mas também sua família e a própria terapeuta.

A aquisição de conhecimento revelada, aspectos que foram tratados, apontamentos e questionamentos que foram surgindo fizeram deste trabalho um imenso aprendizado. As orientações, supervisões e o referencial teórico foram imprescindíveis durante a realização desse processo e serviram para provar que houve resultância no alcance dos objetivos relacionados ao trabalho realizado no estágio.

De maneira geral, a experiência de lidar com a dinâmica do estágio foi bastante válida e produtiva, houve um crescimento perceptível e uma grande melhora em aspectos que são fundamentais para uma boa formação.

14. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança teoria e técnica**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

AXLINE, Virginia Mae. **Ludoterapia: A dinâmica interior da criança**. Minas Gerais: Interlivros de Minas Gerais, 1972. Tradução de: Editora do Professor IND. E COM. LTDA.

BERNE, Eric. **Análise Transacional em Psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, Eric. **Os Jogos da vida**. Rio de Janeiro: Artenova S.a, 1977

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos). Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/39369244/O-que-e-Educacao-BRANDAO-Carlos-Rodrigues>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

COBRA, Rubem Queiroz. **Análise Transacional: Jogos, passatempos psicológicos e papéis de vida ("scripts")**. 1998. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cobra_pages/ecp-analise.html>. Acesso em: 02 maio 2017.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: Abordagens Atuais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CREMA, Roberto. **Análise Transacional centrada na pessoa...e mais além**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1985.

DESSEN, Maria A.; COSTA, Áderson L. (Org.). **A Ciência do Desenvolvimento Humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GARDNER, Howard; KORNHABER, Mindy L.; WAKE, Warren K.. **Inteligência: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

OLIVEIRA, Marco Antonio G.. **Reflexões sobre Eric Berne: Um ensaio bibliográfico**. São Lourenço de Brides: Est Idort Cip, 1980.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAPALIA, D. & OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.